

O PEDAGOGO NO ATENDIMENTO AO PROFESSOR INICIANTE NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Susana Soares Tozetto¹

Adriane Bayer Tozetto Beatriz²

RESUMO

Este artigo discute as dificuldades do pedagogo no atendimento ao professor iniciante na modalidade de Educação Profissional. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada com pedagogos que atuam na Educação Profissional na rede estadual de ensino paranaense. Como resultado, verificou-se que a prática pedagógica que o professor iniciante assume tem como princípio os saberes docentes construídos no decorrer da formação acadêmica e experiência de vida. Assim, o pedagogo deve assumir o papel de mediador da prática pedagógica junto ao professor iniciante. Suas dificuldades estão relacionadas à supervalorização dos conhecimentos técnicos em detrimento aos conhecimentos pedagógicos.

Palavras-chave: Pedagogo. Professores iniciantes. Educação profissional.

THE PEDAGOGUE IN ASSISTING THE BEGINNING TEACHER IN THE MODALITY OF PROFESSIONAL EDUCATION

ABSTRACT

This paper discusses the difficulties of the pedagogue in assisting the beginning teacher in the modality of Professional Education. The data were collected through a semi-structured interview with pedagogues that work in Professional Education in the state school network of Paraná. As a result, it was verified that the pedagogical practice that each beginning teacher assumes has as principle the teaching knowledge built during the course of his/her academic education and life experience. Thus, the pedagogue should assume the role of mediator of the pedagogical practice with the beginning teacher. Their difficulties are related to the overvaluation of technical knowledge to the detriment of pedagogical knowledge.

Keywords: Pedagogue. Beginning teachers. Professional education.

¹ Doutorado em Educação Escolar. Professora Associada da Universidade Estadual de Ponta Grossa e do Programa de Pós Graduação em Educação (Mestrado/Doutorado). E-mail para contato: tozettosusana@hotmail.com

² Graduação em Pedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora-Pedagoga concursada da Rede Estadual de Ensino do Paraná. E-mail para contato: tozettosusana@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia – DCN (Brasil, 2006) contemplam as funções e a identidade do pedagogo. As DCN para o referido curso estão organizadas em torno de três conceitos: docência, gestão e conhecimento. Para tanto, elas preveem a formação de um profissional da educação – o pedagogo – que irá atuar nas diversas áreas da docência, da gestão e na produção de conhecimento. A docência é vista como a base da formação do pedagogo, a qual atende às atuais demandas da sociedade capitalista, tanto para atuar na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também nas disciplinas dos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal. A gestão refere-se à participação em atividades como planejamento, projetos, avaliação. A área de produção do conhecimento está presente nos contextos escolares e não escolares, em atividades de produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico.

Frente a esse contexto, Kuenzer (2002) esclarece que, ao professor, cabe a tarefa prioritária de ensinar; já, ao pedagogo, será a de discutir/refletir e organizar as condições para que o ensino possa realizar-se de maneira adequada. Considerando as palavras da autora, este estudo discute as dificuldades que o pedagogo encontra ao desenvolver seu trabalho com professores em início de carreira. Esse profissional possui a docência como base de sua formação, porém é um profissional com atribuições distintas e que transita pelos diferentes espaços da escola. E, o docente que atua na educação profissional, muitas vezes, é bacharel sem formação pedagógica; ele necessita, portanto, do acolhimento próximo do pedagogo da instituição. Para tanto, o pedagogo precisa ter conhecimento aprofundado do fazer docente, a fim de que possa interceder e orientar o trabalho do professor.

O pedagogo precisa atuar juntamente a cada professor de maneira colaborativa, e essa atuação deve contemplar um trabalho coletivo reflexivo a respeito da prática pedagógica, por meio de uma metodologia diferenciada, que conduza a um processo de ensino e de aprendizagem significativo. É nesse momento que o pedagogo assume um papel importante de mediador da prática

pedagógica junto ao professor, pois, diante da apreensão da realidade feita em sala de aula pelo docente, da metodologia de ação utilizada para a explanação do conteúdo e o contexto social da turma, o pedagogo irá intermediar conhecimentos e situações conflituosas e auxiliá-lo na reflexão crítica sobre sua prática pedagógica.

O pedagogo necessita estar atento e próximo aos professores, principalmente dos iniciantes na modalidade de Educação Profissional, para que juntos possam ajuizar sobre a ação docente por meio de um estudo permanente que se realiza nos momentos de formação continuada tanto para o pedagogo como para o professor iniciante. Os professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional não possuem, muitas vezes, formação pedagógica, necessitando de um atendimento contínuo e individualizado.

A prática pedagógica do professor iniciante

Para Tardif (2002), a prática docente integra diferentes saberes com os quais mantém relações no espaço de sala de aula. Tais saberes são oriundos, em princípio, da formação inicial, continuada e da experiência do professor, os quais lhe possibilitam ser o mediador no ato educativo, primando por um processo de ensino e de aprendizagem concreto e coerente com a realidade em que a escola está inserida. Frente a esse contexto, o pedagogo deve ter uma atenção especial e individualizada com o professor iniciante.

Os saberes docentes são reestruturados continuamente e possuem características próprias de cada docente, originárias da sua vivência como aluno, da sua formação inicial, como professor atuante e dos momentos de formação continuada. É nesse sentido que o professor precisa constantemente repensar o seu agir, refletir sobre a sua prática à medida que surgem os desafios na sua atuação em sala de aula. Assim sendo, há uma dinâmica que envolve o aperfeiçoamento das ações docentes a partir da reflexão e da nova prática que passa a ser modificada e retratada em um novo saber pedagógico. Nesse contexto, está o professor iniciante que necessita de atenção e de acompanhamento. Por conseguinte, o pedagogo

assume um papel importante de mediador da prática pedagógica junto ao professor em início de carreira.

A prática pedagógica não pode ser estagnada; pelo contrário, precisa ser dinâmica, viva, ativa. O conhecimento científico da sala de aula precisa ser construído, compartilhado, refletido e transformado em algo atraente e significativo para o aluno. Frente a esse contexto, faz-se necessário discutir e acompanhar a prática pedagógica do professor iniciante, diante do atual cenário de transformação que a sociedade está vivenciando e frente às transições culturais, políticas, econômicas e sociais para que haja a efetivação da construção do conhecimento. O professor iniciante precisa ter o domínio do conhecimento científico de sua área, mas também necessita saber ensinar por meio de técnicas didático-metodológicas, as quais o pedagogo poderá auxiliar. O trabalho do pedagogo será por intermédio da formação continuada que acontece no dia a dia da escola, nos momentos de hora atividade, nas reuniões, nos planejamentos e nas formações previstas em calendário escolar, bem como em todos os momentos que o professor solicitar.

A escola é a instituição social com finalidade educativa, pois tem como função a socialização dos conhecimentos. Para tanto, necessita de profissionais habilitados, qualificados e engajados com o processo ensino-aprendizagem. Assim, o professor iniciante carece de acompanhamento contínuo e permanente na escola em que está inserido. Cada escola traz em seu contexto a sua história, os seus sonhos, seus desejos, suas crenças, seus valores, suas concepções e, a partir disso, os princípios que orientam a ação de ensinar e formar os alunos. Ela revela suas formas de organização, planejamento, avaliação, suas articulações, suas dificuldades, seus problemas e a forma de superá-los coletivamente. Os professores contribuem com a melhoria da qualidade social da escolarização à medida que ampliam sua consciência sobre a prática pedagógica, intervindo de maneira crítica sobre a realidade. A atividade profissional docente é constituída de intencionalidade, transformando o saber científico em saber formativo.

O ato de ensinar como uma prática social complexa, coletiva e permeada de valores e conflitos, faz com que a docência seja exercida de forma reflexiva e crítica,

diante das exigências da sociedade contemporânea. Para exercer o trabalho docente, requerem-se saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, experiência e criatividade frente às situações de ensino que são incertas, ambíguas, conflitivas. Nesse sentido, o pedagogo na escola tem uma atribuição primordial para assessorar na prática pedagógica do professor, principalmente do iniciante.

De acordo com Sacristán (1999), é preciso levar em consideração os significados do que é prática, do que é teoria, do que é a relação entre ambas, quais os contextos e os agentes envolvidos. A prática educativa é uma ação orientada, em que o sujeito tem um papel fundamental como agente, pois agir é tomar iniciativa, pôr algo em movimento, passar do projeto à realização. Para tanto, a prática pedagógica do professor iniciante, entendida como uma práxis, envolve a dialética entre o conhecimento e a ação, objetivando um fim. Poderia ser expressa como uma ação – intenção – mudança. Desse modo, a intencionalidade é condição necessária para a ação e compreender esse elemento se faz fundamental para qualquer educador, principalmente para o iniciante na docência.

Faz-se necessário, portanto, um processo crítico reflexivo que deve passar pela etapa de análise da realidade educacional, tendo como suporte o uso de diferentes metodologias, garantindo uma reflexão constante das ações. Não existe uma única metodologia que atenda à heterogeneidade de cada sala de aula e a necessidade de cada professor iniciante.

Para uma ação educativa ser dotada de sentido e de significado é preciso que a ação tenha um propósito, um fim. O pedagogo necessita compreender a prática dos professores iniciantes, deixando de lado a perspectiva racionalista e positivista, para então articular as três categorias envolvidas: conhecimento, forma de fazer e intenções (Sacristán, 1999). Quando o professor, seja ele iniciante ou não, toma consciência sobre a sua prática, passa a realizar uma prática educativa mais densa e significativa.

O termo professor iniciante, ou principiante, como é usado por Garcia (1999), faz referência à iniciação ao ensino, sendo o período de tempo que compreende os primeiros anos, nos quais os professores fazem a transição de estudantes para

professores. De acordo com Garcia (1999, p. 113): “Neste primeiro ano, os professores são principiantes, e, em muitos casos, no segundo e terceiros anos podem estar ainda a lutar para estabelecer a sua própria identidade pessoal e profissional”. Dessa forma, justificam-se o acompanhamento e a mediação do pedagogo. Já o professor iniciante conforme Huberman (1995), trata-se do período que o profissional da educação entra efetivamente na carreira docente, assume a direção e o controle de uma classe de alunos. Segundo o autor, o período de inserção na docência compreende os três primeiros anos de atuação profissional, é o contato inicial com as diversas e diferentes situações de sala de aula. A inserção dos professores na docência é o período que abrange os primeiros anos, nos quais os professores iniciantes realizam a transição de estudantes para docentes. Desse modo, eles deixam de ser apenas aprendizes para se tornarem formadores. É um período de angústias, tensões, conflitos e aprendizagens intensivas, em contextos desconhecidos e inexplorados, nos quais os professores em início de carreira irão adquirir conhecimento profissional, além de aliar o equilíbrio pessoal frente às situações novas e inesperadas.

Nesse sentido, o professor iniciante, sofre um choque com a realidade escola, sofrendo avanços e retrocessos na carreira nesse período. Assim, é necessário estabelecer a parceria do pedagogo com os professores iniciantes, em prol do processo de ensino-aprendizagem significativo. A atuação do pedagogo na instituição junto aos professores iniciantes acontece quando prestam assessoramento didático-pedagógico aos docentes, coordenam reuniões e grupos de estudo visando promover a formação continuada a fim de favorecer uma ação docente mais crítica e cônica. Na modalidade de Educação Profissional, a mediação do pedagogo com o professor iniciante torna-se ainda mais importante pela falta de formação pedagógica dos professores iniciantes e por tratar-se de um momento importante para a construção da identidade profissional do professor.

O perfil da formação de docentes deve ser pautado na concepção de educação como processo construtivo e permanente, o que implica na formação de um professor crítico e criativo, visto como um intelectual transformador. Aquele que

valoriza a construção do conhecimento utiliza o diálogo em sua prática e respeita a cultura e a subjetividade de cada aluno (Sacristán, 1999). Na construção identitária, o docente articula teoria e prática, a partir da ação-reflexão-ação transformadora em sua prática pedagógica, considerando a relevância dos conteúdos básicos, articulados com a realidade social e cultural, voltados à formação do sujeito que pensa e age criticamente. Assim, o professor constitui sua prática pedagógica frente à realidade da escola.

A aprendizagem por observação não é pré-requisito e nem fundamento para o exercício do trabalho docente. Os professores iniciantes apresentam dificuldades no início da carreira docente em relação ao campo teórico-prático, a disciplina, a metodologia de trabalho, o processo ensino-aprendizagem significativo e envolvente e que atenda às necessidades e aos interesses dos alunos. A docência é a única das profissões em que os futuros profissionais, professores, são expostos a um longo período de observação não dirigida em relação às funções que irão desempenhar futuramente, pois estão inseridos no ambiente escolar desde pequenos (Garcia, 1999). Por conseguinte, a identidade docente vai se configurando de forma lenta e pouco reflexiva por meio de uma aprendizagem informal e mediante a observação na escola na condição de alunos.

É na reflexão sobre a prática pedagógica que os professores iniciantes nos primeiros anos de trabalho docente vão adquirindo novos saberes, fazendo a articulação entre teoria e prática e aperfeiçoando a cada dia a sua prática pedagógica. O início da carreira docente é marcado por anos de sobrevivência, descobertas e de aprendizagens abertas. Há autores que dedicaram seus estudos acerca das fases da carreira docente, como Huberman (1995), que menciona sete fases na carreira docente.

A fase da entrada refere-se à iniciação na carreira docente e caracteriza-se pelos momentos de sobrevivência e descoberta. É também a fase do choque do real, da complexidade da realidade da escola, da sala de aula. O professor iniciante só consegue ultrapassar essa fase se o estágio da descoberta de novos acontecimentos, de desafios constantes, influenciar e se aliar paralelamente ao

estágio da sobrevivência, em que o professor vai assumindo novas responsabilidades que o motivarão a prosseguir. A fase da estabilização é caracterizada como uma autoafirmação do professor perante si, os colegas, à profissão e ao sistema educativo. É marcada pelo compromisso com as novas responsabilidades, gerando os sentimentos de confiança, de independência e de competência pedagógica. Essa fase concentra-se no período de 8 a 10 anos da carreira profissional, em que o professor se assume e se compromete com a sua identidade profissional. Já a fase da diversificação é marcada pela experimentação e variação da metodologia de trabalho, do sistema avaliativo, dos materiais didáticos. Nessa fase, os professores encontram-se motivados, dinâmicos, querendo manter o entusiasmo pela profissão. Assumem novos desafios e contestam o sistema educacional em suas contradições, aspirando novos cargos com maior autoridade.

A fase da contestação é referente aos sentimentos de crise existencial, de monotonia da vida cotidiana e de rotina no trabalho. É o período que compreende de 15 a 25 anos de docência, ou seja, o meio da carreira, em que é preciso questioná-la, pôr-se em questão, examinando o passado e encarando a perspectiva da continuidade da profissão. Na fase de serenidade e de distanciamento afetivo, os professores passam a ter um equilíbrio pessoal e profissional, marcado pelo saudosismo do passado. A confiança e a serenidade aumentam nessa fase que compreende de 25 a 35 anos de carreira docente. Chegando na fase de conservadorismo e de queixas, surgem as reclamações em relação aos alunos, ao sistema educacional, aos colegas mais novos, característico do término da carreira. Os professores tornam-se mais rígidos e resistentes às inovações. E, por fim, a fase de desinvestimento, compreendida entre 35 até 40 anos de carreira docente, a qual é marcada pela falta de investimento progressivo no trabalho e por um investimento pessoal com interesses externos à escola, almejando apenas a aposentadoria.

Como vimos, os professores iniciantes encaixam-se na fase de entrada na carreira, conforme Huberman (1995) explicita, que compreende os primeiros anos na docência. Os professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional, em sua maioria, possuem bacharelado ou formação de tecnólogos na área de

conhecimento. Alguns procuram se aperfeiçoar e aprofundar os conhecimentos na parte pedagógica, buscam especializações e cursos de formação pedagógica que contemplem os conhecimentos didáticos e pedagógicos com os quais não tiveram contato na sua formação inicial, de bacharéis.

A trajetória da pesquisa

A pesquisa foi de abordagem qualitativa. Para Oliveira (1998, p. 17), o método pode ser assim definido como “[...] um caminho seguro, uma via de acesso que permite interpretar com maior coerência e correção possíveis questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador”. Desse modo, trata-se de uma análise reflexiva sobre os fatos que envolvem a área da educação, buscando-se explicações para o que ocorre nos espaços escolares e entre os sujeitos envolvidos nesse contexto, propondo-se alternativas para reflexão.

No município de Ponta Grossa – Paraná, campo da investigação, há dez instituições de ensino da rede pública estadual que ofertam a modalidade de Educação Profissional com cursos profissionalizantes de maneira integrada ao Ensino Médio. A formação técnica tem duração de 4 anos ou de maneira subsequente ao Ensino Médio, e varia de 2 semestres a 4 semestres, de acordo com a carga horária do curso (PARANÁ, 2017).

No decorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa, 23 pedagogos, todos efetivos na rede estadual paranaense, responderam ao questionário de levantamento de dados/informações sobre o diagnóstico das instituições de ensino da rede com a oferta da modalidade de Educação Profissional em que trabalham. Todos os pedagogos possuem mais de dez anos de experiência na função, visto que faz mais de uma década que não temos concurso na rede estadual de ensino do Paraná para exercer tal função. Na sequência, realizamos entrevista semiestruturada com quatro pedagogos, representados pelas siglas PP1 a PP4, que se dispuseram a participar da investigação, que aconteceu no mês de dezembro de 2017. A entrevista semiestruturada foi composta de dez questões abertas sobre o

professor pedagogo e sua função na rede estadual de ensino e, em específico, na modalidade de Educação Profissional.

A apreciação dos dados foi realizada segundo a análise de conteúdo, isto é, como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, [...] a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1995, p. 42)

As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se, segundo Bardin (1995), em torno de três polos: a pré-análise; a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Cabe salientar o cuidado com a descrição e a execução de cada uma das fases, mantendo-se a flexibilidade e a criatividade, caracterizando-se como forma de gerar confiabilidade e validade à pesquisa científica.

Já o polo da exploração do material, segundo Bardin (1995, p. 101), consiste na “[...] administração sistemática das decisões tomadas”. São, portanto, a codificação e a enumeração dos dados em função de normas previamente definidas. A partir da codificação, podem-se elencar as categorias. A categoria explorada neste artigo veio a partir das respostas aproximadas, frequentes e interpretadas, tendo por base o referencial teórico. No polo do tratamento de resultados, a inferência e a interpretação dos dados obtidos foram fundamentadas à luz das teorias que embasaram a presente pesquisa. Nesse momento é que ocorreu a validação dos resultados, estabelecendo-se uma articulação entre o referencial teórico e os dados obtidos, demonstrando um sentido significativo à interpretação realizada.

A utilização da Análise de Conteúdo de Bardin (1995) permitiu que chegássemos a categoria sobre as dificuldades no trabalho pedagógico do pedagogo no atendimento aos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional. A seguir, veremos as dificuldades elencadas pelos pedagogos no atendimento aos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional.

Dificuldades no trabalho pedagógico do pedagogo no atendimento aos professores iniciantes na modalidade de educação profissional

O Quadro 1 a seguir apresenta as dificuldades dos pedagogos no trabalho realizado com os professores iniciantes, na modalidade de Educação Profissional em relação à prática pedagógica. As dificuldades foram elencadas em subcategorias em relação ao trabalho pedagógico com os professores iniciantes.

Quadro 1 - Dificuldades no trabalho pedagógico do pedagogo com os professores iniciantes

| Categoria | Subcategoria |
|--|--|
| 1. Dificuldades do pedagogo no atendimento ao professor iniciante na modalidade de Educação Profissional | A. Conhecimento técnico x pedagógico. B. Perfil do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional. C. Rotatividade de profissionais e a descontinuidade do trabalho. |

Fonte: Organizado pelas autoras.

O pedagogo que atua na modalidade de Educação Profissional convive com incertezas e indiferenças advindas do contexto de trabalho, diante da hierarquia dos conhecimentos técnicos sobre os conhecimentos pedagógicos. É importante, contudo, uma contínua reflexão sobre a sua atuação, buscando inovar, lutar e acreditar na efetivação de um trabalho colaborativo entre professores, pedagogos, coordenações de curso e direção. No entanto, o trabalho pedagógico junto ao docente nem sempre faz parte das atividades do pedagogo na escola, conforme aparece no contexto das respostas dos participantes da pesquisa.

A dificuldade que sinto é que no dia a dia escolar fica para o pedagogo resolver os problemas disciplinares, falta de professores, questões burocráticas e que vão tomando o nosso tempo e deixamos de trabalhar o pedagógico. (PP1).

O pedagogo muitas vezes está sobrecarregado de atribuições, tornando-se um multitarefeiro (Kuenzer, 2002), um profissional com múltiplas tarefas, por meio de uma demanda ampliada da escola, com uma visão do todo do processo educativo. A ação nutre um sentimento de angústia por não dar conta de realizar a totalidade de

trabalhos que lhe são incumbidos, gerando ansiedade e um sentimento de missão não cumprida.

Outra dificuldade apresentada pelos pedagogos da Educação Profissional refere-se a sua atuação com os professores, bacharéis/tecnólogos de formação, e com a coordenação de curso, sendo muitas vezes necessário administrar conflitos. Segundo as respostas dos pedagogos entrevistados PP3 e PP4, observamos que:

Uma das dificuldades percebidas é conseguir fazer um trabalho efetivo com o professor do curso técnico desde que ele esteja aberto e queira essa aproximação com o pedagogo. (PP3).

E quando aparecem as dúvidas, consultam a coordenação de curso e só depois recorrem ao pedagogo, quando veem que não vão conseguir bons resultados no curso, no atendimento de alguns alunos, no sistema de avaliação que não está sendo suficiente, aí resolvem procurar ajuda e o pedagogo está ali para auxiliá-lo e orientá-lo no que for necessário. (PP4).

Dentre as respostas obtidas nas entrevistas, reforçamos o que Azzi (1999) menciona de que o professor, bacharel e iniciante, possui o conhecimento teórico e que falta o saber pedagógico, definido como um saber a ser construído no exercício da docência. Aí surge o papel do pedagogo como articulador das questões didático-pedagógicas, para discutir e sugerir metodologias e formas de trabalho diferenciadas, bem como auxiliar na formação continuada e em serviço do professor iniciante. Nas palavras de Bruno (2015, 35):

É no contexto escolar que o professor iniciante irá procurar superar suas dificuldades, elaborando, em conjunto com outros profissionais da escola, um projeto de formação em serviço que o ajude a transpor suas dificuldades, rompendo o individualismo e o isolamento.

Nesse contexto, verificamos a seguir como acontece a dicotomia entre conhecimento técnico x pedagógico.

- Conhecimento técnico x pedagógico

O ensino profissionalizante está presente em 17% das escolas estaduais paranaenses (Luciano, 2013), e, todos os anos, há procura por essa modalidade de ensino, devido às exigências do mercado de trabalho por profissionais qualificados. Para tanto, há vagas disponibilizadas para o suprimento de professores para essa modalidade de ensino por meio de contratos temporários. Contudo, o último

concurso público realizado para o provimento de vagas para professor da Educação Profissional foi o Edital nº 11/2007 – GS/SEED (Paraná, 2007). Infelizmente, constatamos nos relatos dos pedagogos PP2 e PP4 que, para alguns professores, o ensino profissionalizante é considerado como uma segunda alternativa profissional, desviando a supremacia dos conhecimentos técnicos em detrimento dos pedagógicos:

[...] os professores por serem todos técnicos, bacharéis de formação, acabam procurando mais os coordenadores de curso do que os pedagogos, por não entenderem das questões de cunho pedagógico e, até mesmo, por não as valorizarem, achando que a escola é como chão de fábrica, basta determinar certos comandos que é dever dos alunos executá-los, demonstrando não ter compreensão do processo ensino-aprendizagem. (PP2).

Os professores da educação profissional dominam o conteúdo, o assunto, mas não sabem trabalhar os conteúdos com metodologias diferenciadas, não possuem didática, domínio de turma, falta conhecimento pedagógico. (PP4).

O pedagogo PP2, ao dizer que alguns professores bacharéis dos cursos técnicos comparam a escola com o chão da fábrica, demonstram que os professores técnicos, sem formação pedagógica, não estabelecem relações entre o processo de ensino e a aprendizagem. Não compreendem a prática pedagógica como intencional, não veem a ação docente como crítica e reflexiva, não apresentam a visão do trabalho como princípio educativo. São dados que também foram constatados por Canesso (2016, p. 36) ao mencionar a “[...] transferência de saberes obtidos no chão de fábrica para a sala de aula”. Ressaltamos, portanto, a importância da figura do pedagogo em acompanhar e oferecer subsídios aos professores iniciantes em sua prática docente, auxiliando com os conhecimentos didáticos e pedagógicos no cotidiano da sala de aula.

Para isso, é preciso que haja parceria entre a Coordenação de Curso e a Equipe Pedagógica da escola e senso coletivo na tomada de decisões, no pensar junto o curso técnico e seus envolvidos, professores e estudantes. A instituição de ensino que visa oferecer um ensino compromissado com a aprendizagem do aluno e crítico, segundo Ferreira (2002), percebe que o trabalho dos profissionais da educação deve estar voltado a um trabalho de gestão pedagógica democrática,

porque constitui-se um “[...] compromisso político coletivo de tomada de decisões sobre a formação intelectual e moral de novas mentes humanas em todas as instâncias do trabalho educativo” (Ferreira, 2002, p. 25). Da mesma forma, é preciso constantemente fortalecer o entendimento de uma gestão democrática e participativa como um trabalho conjunto dos integrantes da escola, a favor de uma educação justa e igualitária (Saviani, 1989). Contudo, em determinadas situações e em algumas instituições de ensino técnico, a parceria pode ocorrer de forma equivocada ou simplesmente não acontecer, como na fala a seguir:

Há uma supervalorização do coordenador técnico em detrimento do pedagogo, as questões técnicas se sobressaem em detrimento ao pedagógico. E o coordenador técnico tem pouco a contribuir com a prática pedagógica do professor, essa é uma atribuição do pedagogo. (PP4).

Novamente, a parceria entre a parte técnica, do Coordenador de Curso, e a parte pedagógica, do Professor Pedagogo, é mencionada de forma não adequada. Ambos os profissionais devem planejar ações para dar subsídio aos docentes em suas práticas pedagógicas, no que tange às discussões e à elaboração dos planos de trabalho, baseadas nas ementas dos cursos técnicos, referentes à metodologia, aos espaços a serem utilizados, como os laboratórios, a biblioteca, frente aos recursos materiais disponíveis. Além disso, o sistema avaliativo adotado pela instituição de ensino, que consta nos documentos orientadores do Projeto Político Pedagógico da escola e no Regimento Escolar, devem ser apresentados aos professores ingressantes de forma conjunta, sem supervalorização de um saber sobre o outro.

- Perfil do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional

Constatamos a partir dos dados que os professores dos cursos técnicos que lecionam nas dez instituições de ensino que ofertam o ensino profissionalizante no município de Ponta Grossa/PR são, em sua maioria, bacharéis de formação. Os 23 pedagogos das dez instituições pesquisadas diferenciam-se quanto ao tempo de atuação em cada uma das modalidades: Educação Básica e Profissional.

Percebemos, nas respostas do questionário, que, de todos os pedagogos relacionados que atuam na modalidade de Educação Profissional, o tempo de atuação na Educação Básica (que compreende o Ensino Fundamental, anos finais, e o Ensino Médio) é maior do que o tempo de atuação na modalidade de Educação Profissional. Diante desse contexto, como o pedagogo tem um tempo menor de atuação na modalidade de Educação Profissional, ele necessita de um trabalho em parceria e colaborativo com as Coordenações de Curso, para que ambos possam contribuir significativamente com os professores e os alunos dessa modalidade de ensino.

Identificamos que, dentre os professores da modalidade de Educação Profissional, sempre há professores iniciantes no ensino profissionalizante e, em sua maioria, são bacharéis na sua formação acadêmica. Nos relatos referentes à questão sobre se os professores bacharéis iniciantes possuem alguma habilitação pedagógica para lecionar, foi constatado que não possuem habilitações. Desse modo, o professor no ensino profissionalizante remete-nos ao que Garcia (1999) diz sobre a aprendizagem por observação, ao se verificar que, no bacharelado, não há disciplina específica para docência. Podemos inferir, portanto que, a partir da sua trajetória estudantil, o professor iniciante e bacharel utiliza da sua experiência de aluno para lecionar. Conforme os relatos dos pedagogos, muitos professores não procuram fazer uma formação pedagógica, por exemplo o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), por acharem desnecessário a complementação devido a sua atuação provisória. Vejamos na fala do entrevistado PP2:

Professores em sua maioria bacharéis e tecnólogos, poucos com formação pedagógica. Não possuem o costume de procurar a equipe pedagógica, por receio, acham que pegando as principais informações no início do ano e em algumas conversas já conseguem dar aula. Porém, ao terminar o semestre, talvez esse professor não esteja pronto para dar sequência ao trabalho, ao andamento do curso, da disciplina e, novamente, entram novos professores com outras dificuldades relacionadas geralmente à parte burocrática, como preencher o livro de chamada, o sistema de avaliação que, para ele, seria uma avaliação só e sem recuperação; enfim, sem seguir os documentos orientadores da escola. (PP2).

O pedagogo, PP2, retoma a ideia de que os professores dos cursos profissionalizantes, em sua maioria, são bacharéis e tecnólogos, poucos com formação pedagógica, e que não possuem o costume de procurar o pedagogo, achando que poderão dar conta de lecionar apenas com as principais informações sobre a instituição de ensino e o curso técnico. Voltamos ao discutido anteriormente sobre a hierarquia dos conhecimentos técnicos em relação aos conhecimentos pedagógicos e à comparação da escola com o chão da fábrica, demonstrando que possuem uma visão fragmentada e pragmática sobre a educação.

*Os professores são bacharéis, técnicos, tecnólogos e possuem a visão de educação e de escola dele como aluno e não uma visão como profissional. Eles precisam entender que o papel deles é de formador. (PP1).
O professor iniciante começa na escola sem capacitação, sem conhecer a ementa do curso, os demais documentos orientadores da escola, simplesmente pega as aulas e já deve ir para a sala de aula com seus conhecimentos e experiências de ex-aluno e profissional que já atua no mercado de trabalho, com suas lembranças de como foi ensinado, ou seja, de como aprendeu e agora vai repassar para os alunos. (PP2).*

Ao ser chamado para assumir as aulas no curso profissionalizante, na maioria das vezes quando o ano letivo já iniciou, o professor iniciante deveria ter claro que irá enfrentar o desafio de que “[...] é o momento da passagem do papel de aluno para o papel de professor, que, na maioria das vezes, ocorre com muitas incertezas e inseguranças” (Bruno, 2015, p. 33). Isso se torna evidente nas descrições dos pedagogos PP1 e PP2, referente ao perfil dos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional. Nesse sentido, os professores iniciantes dessa modalidade precisam aceitar a parceria do pedagogo, bem como este deve ter clareza dessa necessidade e dificuldade que o professor iniciante possui. O trabalho colaborativo pode contribuir com o curso e com os alunos que passarão a ter aulas mais contextualizadas, significativas e envolventes.

- Rotatividade de profissionais e a descontinuidade do trabalho

Os contratos temporários, por meio de editais do Processo Seletivo Simplificado (PSS) no Paraná, demonstram uma grande rotatividade de

profissionais, em especial, na modalidade de Educação Profissional. Os relatos dos pedagogos entrevistados representam a dificuldade aparente nesse contexto:

A rotatividade dos professores na Educação Profissional e a não continuidade do trabalho, pois os professores iniciam em um semestre e não dão continuidade no semestre seguinte. A alternância no quadro docente da Educação Profissional dificulta, pois não há estabilidade, prosseguimento, não se consegue criar um vínculo com o estado, com a escola e com os alunos; enfim, com o curso. (PP2).

É importante dar continuidade, acabar com a rotatividade de professores na Educação Profissional, isso iria contribuir e muito com a qualidade dos cursos técnicos. As parcerias seriam mais efetivas dentro da escola, seria possível dar continuidade ao trabalho docente e ver resultados mais satisfatórios nos cursos técnicos. (PP1).

A rotatividade dos professores, rever tudo junto a esse professor, orientar tudo novamente a cada início de semestre, receber o professor iniciante e repassar as informações rapidamente e, no próximo semestre, não há continuidade no trabalho com esse profissional, torna-se desgastante e um complicador no trabalho do pedagogo. (PP4).

É uma realidade da educação pública paranaense, em especial, na modalidade de Educação Profissional, o rodízio de professores. Os fatores que influenciam a alternância, segundo os entrevistados, são: alguns professores ficam apenas um semestre na escola, quando se trata dos cursos subsequentes, pois não conseguem aulas para o próximo semestre devido à redução da abertura de turmas ofertadas do curso técnico – no edital seguinte, lançado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR), eles podem lecionar em outra unidade –; outros passam pelas salas de aula para substituir professores que estão de licença; outros não gostam da experiência em ensinar, quando se trata de bacharéis e tecnólogos; ainda há aqueles, devido aos baixos salários, desistem; além da falta de materiais didáticos e de recursos nas instituições de ensino ser um problema.

A rotatividade está longe de ser positiva, pois o professor que fica apenas um semestre, conforme o relato do pedagogo PP4, com as turmas de curso técnico, não cria vínculos com os alunos, com o curso, com a instituição de ensino, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem e a continuidade do trabalho pedagógico bem como a construção da identidade docente.

Para Sacristán (1995), a escola é o ambiente de formação dos professores, da profissionalidade e da constituição identitária desse profissional. Se há uma

descontinuidade do trabalho docente devido à falta ou rotatividade de professores, isso passa a ser um fator agravante para a organização e a consolidação do trabalho pedagógico na escola com grandes prejuízos para o aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o professor, licenciado ou bacharel, precisa mobilizar os saberes indispensáveis para constituir a sua prática. Por isso, torna-se importante que o professor tenha uma sólida formação inicial, no caso do professor licenciado. A constituição de saberes pedagógicos já se faz presente na sua formação, mas o professor bacharel, sem formação pedagógica, não possui tais saberes constituídos, porém ambos ao longo do exercício docente precisam de formação continuada e da formação em serviço.

A figura do pedagogo como articulador das questões didático-pedagógicas no ambiente escolar deve contribuir no processo ensino-aprendizagem de todos os segmentos escolares, considerando o nosso campo de investigação, em particular, a Educação Profissional. Em especial, pesquisamos o auxílio e o acompanhamento do pedagogo que é essencial no desenvolvimento da prática pedagógica do professor iniciante na modalidade de Educação Profissional em sala de aula. O pedagogo discute metodologias, sugere formas diferenciadas de trabalho com os estudantes; enfim, colabora com a formação continuada e com a prática pedagógica do professor. É comum na prática pedagógica dos professores iniciantes na modalidade de Educação Profissional que ela se sobreponha à teoria; que os saberes técnicos sejam colocados hierarquicamente em relação aos saberes pedagógicos, com destaque ao conhecimento advindo da experiência profissional (notório saber), muitas vezes do chão da fábrica. Entretanto, o pedagogo precisa, por meio de uma ação mediadora presente nos momentos de formação continuada e em serviço, realizar a intervenção junto ao professor iniciante no sentido de ampliar, de fundamentar, de discutir dúvidas dos docentes.

O professor iniciante e bacharel precisa compreender e reconhecer que, no exercício da docência, é preciso articular todos os saberes anteriormente mencionados por Tardif (2002) e, que, portanto, não basta apenas a transmissão de conhecimentos científicos, mas a apropriação e a valorização dos saberes pedagógicos necessários à prática docente na Educação Profissional. Destarte, faz-se necessário que os professores bacharéis ou tecnólogos tenham formação pedagógica para lecionar, principalmente em formação em serviço, bem como possam contar com auxílio do pedagogo como “[...] articulador das ações, como formador dos educadores e, portanto, como transformador das condições de ensino e aprendizagem” (ALMEIDA E PLACCO, 2012, p. 19). A complementação de cunho formativo irá possibilitar práticas comprometidas e inovadoras em sala de aula, práticas significativas que mantenham o aluno motivado para permanecer no curso profissionalizante.

Atualmente, no Estado do Paraná, verificamos que a modalidade de Educação Profissional continua a ser ofertada nas instituições públicas estaduais de maneira integrada e subsequente ao Ensino Médio. A SEED/PR realizou concursos públicos nos anos de 2004 e 2007 para o suprimento de professores da área técnica. Conforme o último Edital nº 11/2007 – GS/SEED (PARANÁ, 2007) do Concurso Público realizado para o provimento de vagas no cargo de Professor, do Quadro Próprio do Magistério, nas áreas/subáreas da formação específica dos cursos da Educação Profissional, em nível médio, verificamos que a exigência de escolaridade foi a de Graduação em nível superior de acordo com a habilitação. Consta no edital que todos os professores que não tivessem a formação pedagógica teriam de fazê-la até o término do estágio probatório. Isso indica um grande avanço no Estado do Paraná, mas ainda insuficiente para atender à demanda.

Nesse contexto apresentado, já se passaram mais de dez anos sem concurso público para a contratação de profissionais para o exercício da docência na modalidade de Educação Profissional. Anualmente, é realizado apenas o PSS e, de acordo com o Edital nº 58/2016 GS/SEED (PARANÁ, 2016), ele visa contratações temporárias para o ano de 2017/2018 para exercer as funções de professor. Consta

no edital que, para ministrar as disciplinas dos cursos técnicos da Educação Profissional, exige-se Curso Superior completo ou em andamento, com Graduação ou habilitação no eixo tecnológico e área de inscrição.

Os contratos temporários representam uma rotatividade de profissionais, dando descontinuidade ao trabalho específico da docência, instabilidade no cargo e vários outros fatores como: a inexperiência em sala de aula; o desconhecimento dos saberes pedagógicos e da organização do próprio sistema de ensino, relacionados ao Planejamento e sua organização por meio do Plano de Trabalho Docente, do preenchimento do Livro de Registro de Classe, do sistema avaliativo, da relação teoria e prática, do relacionamento professor e aluno, das dificuldades de aprendizagem dos estudantes, da diversidade escolar, do esclarecimento dos documentos norteadores de cada instituição de ensino, do Projeto Político Pedagógico e do Regimento Escolar.

Enfim, são impasses que vão surgindo ao longo do processo ensino-aprendizagem e que necessitam de um mediador, o pedagogo, para auxiliar o professor, seja ele iniciante ou experiente. O fato de os professores serem, muitas vezes, bacharéis e não ter formação pedagógica, ao se depararem frente a tantas novidades e informações no início da carreira docente eles podem se caracterizar como um choque com o real, segundo Huberman (1995).

As contribuições do pedagogo foram elencadas no decorrer da pesquisa, porém constatamos a burocratização e a fragmentação do trabalho do pedagogo presente nos relatos dos participantes. Denotamos que as atividades de cunho burocrático que o pedagogo realiza em sua rotina o distancia da organização do trabalho pedagógico, tornando-se uma frustração para a sua carreira profissional. O pedagogo precisa estar atento e próximo aos professores, principalmente dos iniciantes na modalidade de Educação Profissional, para que juntos possam refletir sobre a ação docente por meio de um estudo permanente que se realiza nos momentos de formação continuada, tanto para o pedagogo como para o professor iniciante.

O pedagogo que atua na modalidade de Educação Profissional assume um papel de suma importância na articulação das práticas pedagógicas significativas, junto aos professores iniciantes, fornecendo subsídios e apoio aos docentes, devendo conhecer as especificidades da modalidade de educação profissional, para que possa desenvolver ações que valorizem os conhecimentos e as experiências dos professores, suas realidades sociais e culturais.

REFERENCIAS

ALMEIDA, L. R. de.; PLACCO, V. M. N. de S. (Orgs.). 2012. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. 6. ed., São Paulo, Loyola.

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Coord.), **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, p. 35-60, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Parecer nº 3, de 21 de fevereiro de 2006. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003_06.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2017.

BRUNO, E. B. G. et al. **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 13. ed., São Paulo, Loyola, 2015

CANESSO, R. C. do C. **A permanência escolar e a prática pedagógica de sala de aula na Educação Profissional**. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2016, 180 p.

FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. 3. ed., São Paulo, Cortez, 2002.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Portugal, Porto Editora, 1999.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.), **Vidas de professores**. 2. ed., Portugal, Porto, 1995, p. 31-61.

KUENZER, A. Z. Trabalho pedagógico: da fragmentação à unitariedade possível. In: AGUIAR, M. A. S.; FERREIRA, N. S. C. (Orgs.). **Para onde vão a orientação e a supervisão educacional?** Campinas, Papirus, 2002, p. 47-78.

LUCIANO, A.. **Oferta de ensino técnico profissional no Paraná dobra em quatro anos: desafio para expansão do sistema é o alto índice de evasão, que chega a 50% em alguns dos cursos.** Falta de professores também ameaça o aproveitamento. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/oferta-de-ensino-tecnico-profissional-no-parana-dobra-em-quatro-anos-44v5fakh9s23yah8uhalz29fy>>. Acesso em: 6 out 2017.

OLIVEIRA, P. S. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: OLIVEIRA, P. S. (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo, Unesp, 1998, p. 17-26.

PARANÁ. Lei Complementar nº 103, de 15 de março de 2004. **Institui e dispõe sobre o Plano de Carreira do Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná e adota outras providências.** Diário Oficial do Estado n. 6687, Curitiba, 15 de março de 2004. Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=7470&codItemAto=63745>>. Acesso em: 30 maio 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Editai n. 11/2007 – GS/SEED.** Disponível em: <<http://www.seed.pr.gov.br>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Editai n. 58/2016 – GS/SEED.** Disponível em: <www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/editais/2016/editai58_2016gsseed.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2017.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre, Artmed, 1999.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Portugal, Porto, 1995, p. 63-93.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 21. ed., São Paulo, Autores Associados, 1989.

SAVIANI, D. A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. 3. ed., São Paulo, Cortez, 2002, p. 13-38.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Recebido em 21/07/2023

Versão corrigida recebida em 02/08/2023

Aceito em 20/08/2023

Publicado online em 26/08/2023